

>> *Temática Especial*

Lutas de Matrizes Indígenas e Africanas no CEPAE/UFG: um relato de experiência nos 4^{os} anos do Ensino Fundamental

Pitias Alves Lobo*

Gláuber Henrique de Almeida Souza**

Renato Júlio Ferreira Mendes Lima***

Luzivaldo Oliveira dos Santos****

Maria Gabriela Caetano de Oliveira*****

Rogério da Costa Filho*****

Resumo:

O objetivo deste relato de experiências no CEPAE/UFG (Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação da Universidade Federal de Goiás) é o de discutir o conteúdo “lutas de matrizes indígenas e africanas” com crianças do 4º ano do Ensino Fundamental, no estágio em Educação Física da FEFD (Faculdade de Educação Física e Dança da Universidade Federal de Goiás), dentro da constituição curricular da área, em uma pesquisa participativa. Foram articuladas para isso a relação da luta indígena mais emblemática da festa do Kuarup, no Alto Xingu, o huka-huka; na Bahia, o derruba o toco, dos Pataxós; com a matriz africana usamos os elementos da capoeira e a luta marajoara como intersecção de influência indo afrodescendente. Como aportes teóricos dialogamos com a pedagogia histórico-crítica e o experimento didático da Dramatização Pedagógica Crítica, nos quais foram considerados como instrumentos de aprendizagem das técnicas e táticas da luta coletiva. O eixo articulador percorreu a relação temática da violência – defesa pessoal – lutas, como componentes indissociáveis na produção da vida em sociedade e as formas pedagogizadas de conhecer as lutas. Foi atestado uma apreensão, compreensão e interpretação das lutas de matrizes indígenas e africana com maior propriedade vivencial do tema proposto.

* Doutor em Educação. Professor de Educação Física do Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação da Universidade Federal de Goiás. E-mail: pitiaslobo@ufg.br. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0001-9028-2651>.

** Mestrando em Educação Física na Faculdade de Educação Física e Dança da Universidade Federal de Goiás. E-mail: glau-berhenrique@discente.ufg.br. ORCID iD: <https://orcid.org/0009-0005-7270-5485>.

*** Licenciado em Educação Física pela Faculdade de Educação Física e Dança da Universidade Federal de Goiás. E-mail: renatojulio@discente.ufg.br. ORCID iD: <https://orcid.org/0009-0004-0662-0240>.

**** Licenciando em Educação Física na Faculdade de Educação Física e Dança da Universidade Federal de Goiás. E-mail: luzivaldo.oliveira@discente.ufg.br. ORCID iD: <https://orcid.org/0009-0007-7592-9497>.

***** Licencianda em Educação Física na Faculdade de Educação Física e Dança da Universidade Federal de Goiás. E-mail: oliveiramaria@discente.ufg.br. ORCID iD: <https://orcid.org/0009-00004579-7111>.

***** Licenciando em Educação Física na Faculdade de Educação Física e Dança da Universidade Federal de Goiás. E-mail: filhorogério@discente.ufg.br. ORCID iD: <https://orcid.org/0009-0007-7592-9497>.

Palavras-chave:

Luta. Cultura Corporal. Escola. Metodologia de Ensino. Educação Física.

Struggles of Indigenous and African Matrices in CEPAE/UFG: an experience report in the 4th years of Elementary School

Abstract: The purpose of this experience report at CEPAE/UFG (Center for Teaching and Applied Research in Education at the Federal University of Goiás) is to discuss the content “struggles of indigenous and African matrices” with children of the 4th year of elementary school, in the internship in Physical Education, at FEFD (Faculty of Physical Education and Dance of the Federal University of Goiás), within the curricular constitution of the area, in a participatory research. For this purpose, the most emblematic indigenous struggles of the Kuarup festival, in the Upper Xingu, were articulated: the huka-huka; in Bahia, the take down o stump, from the Pataxós, with the african matrix we use the elements of capoeira and the marajoara fight as an intersection of indo afrodescendant influence. As theoretical contributions, we dialogue with historical-critical pedagogy and the didactic experiment of Critical Pedagogical Dramatization, in which they were considered as instruments for learning the techniques and tactics of collective struggle. The articulating axis ran through the thematic relationship of violence – self-defense – fights, as inseparable components in the production of life in society and the pedagogical ways of knowing the struggles. An apprehension, understanding and interpretation of the struggles of indigenous and African matrices with greater experiential property of the proposed theme was attested.

Keywords: Fight. Body Culture. School. Teaching Methodology. Physical education.

Luchas de Matrizes Indígenas y Africanas en CEPAE/UFG: un relato de experiencia en los 4º año de la Enseñanza Fundamental

Resumen: El objetivo de este relato de experiencia en el CEPAE/UFG (Centro de Enseñanza e Investigación Aplicada en Educación de la Universidad Federal de Goiás) es discutir el contenido “luchas de matrices indígenas y africanas” con niños del 4º año de la enseñanza fundamental, en la pasantía en Educación Física, en la FEFD (Facultad de Educación Física y Danza de la Universidad Federal de Goiás) dentro de la constitución curricular del área, en una investigación participativa. Para ello se articularon las luchas indígenas más emblemáticas de la fiesta de Kuarup, en el Alto Xingu: el huka-huka; En Bahia, el derba o toco de los Pataxós, con matriz africana, utilizamos los elementos de la capoeira y la lucha marajoara como cruce de influencia indo-afrodescendiente. Como aportes teóricos, dialogamos con la pedagogía histórico-crítica y el experimento didáctico de la Dramatización Pedagógica Crítica, en los que fueron considerados como instrumentos para el aprendizaje de las técnicas y tácticas de lucha colectiva. El eje articulador recorrió la relación temática violencia – legítima defensa – peleas, como componentes inseparables en la producción de vida en sociedad y las formas pedagógicas de conocer las luchas. Se atestigua una aprehensión, comprensión e interpretación de las luchas de matrices indígenas y africanas con mayor propiedad vivencial del tema propuesto.

Palabras clave: Luchar. Cultura Corporal. Escuela. Metodología de la Enseñanza. Educación Física.

Introdução

Na exposição dos experimentos de lutas de matrizes indígenas e africanas, tomaremos como eixo orientador as descrições do plano de ensino do 4º ano do Ensino Fundamental, que versou como objetivo geral: compreender as lutas como um conhecimento sociocultural produzido pela humanidade, elaborado desde as formas sociais da antiguidade, que são dotadas de códigos, técnicas, táticas e estratégias e que se relacionam e se inserem na sociedade atual como esporte, lazer, saúde e cultura. Foram desenvolvidas 21 aulas que consideraram as determinações histórico-pedagógicas da construção coletiva curricular sistematizada no projeto pedagógico do Departamento de Educação Física do CEPAE/UFG (PIMENTEL *et al.*, 2019). Nesta direção, o sequenciador pedagógico tematizou a diferenciação do conceito de luta, defesa pessoal e violência; a identificação das características das lutas de matrizes indígena (huka-huka e derruba o toco) e africana (capoeiras angola e regional, e luta senegaleza); o reconhecimento dos fundamentos de ataque e defesa e das técnicas, táticas e estratégias das lutas, criando e recriando formas de lutar e, por último, as reflexões sobre a marginalização das lutas (em especial as indígenas e africanas) e o seu significado nos vários ambientes sociais e políticos de uma época.

No movimento e no diálogo das possibilidades teórico-metodológicas da materialização didática deste experimento pedagógico, as linhas mestras foram: a pedagogia histórico-crítica (SAVIANI, 2019), apropriações pontuais com a pedagogia crítico superadora (CASTELLANI, 1992) e a dramatização na experimentação (DARIDO *et al.*, 2017), porém, atribuímos uma anexação lógica, mais próxima do que propomos ao termo, que intitulamos de dramatização pedagógica crítica (DPC), visto estar no espaço vivencial da escola e lidar com categorias, afinidades, interesses e contradições próprias deste locus formativo/educativo advindos dos conceitos espontâneos e os sistematizados pela ciência e de percorrer um eixo paradigmático antagônico ao atual modo de produção da vida.

Luta coletiva e afinidade subjetiva: caminhos metodológicos da atividade de lutas

Na direção tomada ao texto, o conceito de dramatização vinculado à experimentação e a fruição das aulas conforme o proposto por Darido *et al.* (2017) aponta para uma propositura relevante, porém, no desenvolvimento dos conteúdos escolares, as determinações históricas, eivadas de sentimentos, emoções, valores, hábitos, atitudes e ideias, elevam as possibilidades de apreensão do conhecimento de maneira significativa e com sentido, ao captarmos essas manifestações em simulações no locus da objetivação do ato pedagógico. A dramatização pedagógica crítica (DPC) de grupo foi uma das orientações didático-pedagógicas que direcionamos para a compreensão da luta, a partir das disputas territoriais e a defesa das heranças ancestrais nas sociedades originárias ameríndia e a diaspórica afrodescendente, dentro dos aspectos de necessidade da liberdade para continuarem a existir e a perspectivarem a sua emancipação.

Anterior ao início da escala letiva, fizemos uma oficina de formação, momento esse em que o professor preceptor do estágio ao grupo de estagiários (5 alunos) desenvolveu os elementos teórico-metodológicos, conceituais, tecno-táticos e a exposição orientadora da DPC como orientador/simulador da vida real e os nexos a serem desenvolvidos, considerando a formação cultural da corporalidade brasileira e o que propõe as BNCC (BRASIL, 2018).

Na ação pedagógica propriamente dita, foram executadas ao todo 21 aulas, de 45min, cada uma, com 2 turmas de 30 alunos na 4ª e última escala, de janeiro de 2022 a fevereiro de 2023, dentro do calendário letivo de 2022 da UFG.

Na 1ª aula, foram expostos aspectos conceituais das diferenças e as linhas tênues da relação violência – luta – defesa pessoal aos alunos, por meio da captação dos dados imediatos verbali-

zados, do conhecimento primário acerca do tema e, logo em seguida, expusemos em um quadro as contradições de uma sociedade de classes, as suas vulnerabilidades na garantia dos direitos humanos, que vivência desde o período pré-histórico às atuais crises cíclicas do capitalismo, a luta pelos territórios e pela sobrevivência dos seres humanos. Nessa luta, contudo, diferentes povos desenvolveram capacidades de produzir os próprios instrumentos/tecnologia pelo trabalho-produtor de cultura, realizaram as suas subjetividades, conforme nos esclarece Saviani (2019, p. 275):

Eis o grande desafio que enfrentamos na atualidade. Diante da crise estrutural da atual forma de sociedade impõe-se sua transformação radical, o que é obra da práxis revolucionária que, entretanto, não se viabilizará sem o preenchimento das condições subjetivas.

Ao final da primeira aula, foi encaminhada uma tarefa de casa para os alunos descreverem os conceitos iniciais na forma desenho e texto verbal sobre as diferenças entre luta e briga.

Na 2ª aula, foram espalhados bambolês pelo tapete olímpico representando os territórios a serem conquistados, tendo o objetivo de ficar dentro do espaço, verificando-se o predomínio do exercício das disputas de pegadas, comuns no huka-huka e na luta marajoara relacionadas aos fundamentos deste fenômeno; nas 3ª e 4ª aulas, foram feitas as recuperações conceituais da aula anterior e desenvolvido o imbróglio luta *versus* briga em um jogo de desequilíbrio corporal na forma de agachamentos (jogo de briga de galo), conforme o sugerido por Darido *et al.* (2017), porém, com a apropriação das formas de pegadas técnicas de proteção dos dedos, posteriormente, após, este primeiro ato da aula, foram passados educativos preparatórios da luta do *derruba o toco* (das aldeias pataxós da Bahia), que foi o jogo do encostar no cone, a partir do uso do corpo do outro, ou seja, os fundamentos de agarrar, defender e rolar o corpo do outro foram elementos materializados no experimento.

Durante as mediações em aula, os componentes reflexivos de entender a luta indígena, em sua fase primeira, como expressão de combate, e depois como pertencente a um universo simbólico/festivo foi uma tônica, para depois se constituir com caracterizações como um esporte, eivado de regras, fundamentos, objetivos diversos, enfrentamento físico entre pessoas, ações simultâneas e de imprevisibilidade (RUFINO; DARIDO, 2012)

Na 5ª aula, foram desenvolvidas formas de cair/queda em diferentes formas de rolamento de frente e para trás, a fim de preparar os alunos para as 6ª e 7ª aulas que foram momentos introdutórios da luta do huka-huka, das aldeias do Parque Nacional do Xingu. Neste momento, foram mostrados, por meio do *Datashow*, vídeos e imagens representativas da corporalidade de luta indígena no meio festivo, que foi o ritual do Kuarup, precedida de uma discussão sobre a luta pelos direitos indígenas, aproveitando a situação conjuntural/estrutural de precarização do atendimento à saúde indígena sofrida pelo povo yanomami, assim como, o de procurar conhecer o povo yanomami em suas manifestações de produção/sentido e significado da vida (YANOMAMI, 1999).

A luta do huka-huka foi realizada com o objetivo de tocar atrás da parte posterior dos joelhos ou jogando o oponente ao chão como o apresentado pelas tribos indígenas em festividades e veiculados para os alunos por meio de diversos vídeos captados no Youtube em sala de aula (ALMEIDA, A.; ALMEIDA, D.; GRANDO, 2010).

Na 8ª aula, demos continuidade à discussão do genocídio yanomami para, entre a 9ª e a 11ª aulas, voltarmos a uma recuperação pedagógica da luta do derruba o toco dos Pataxós, seus aspectos históricos, simbólicos e dramáticos de celebração festeira de casamentos, percorrendo as simulações de tocos de madeira, feitas com garrafas PETs cheias d'água.

Entre a 12ª e a 14ª aulas, a luta marajoara foi o tema desenvolvido. Articulamos, para isso, a constituição histórica indo afrodescendente como prevalentes nesta formação de luta, fizemos algumas ressalvas comparativas com as técnicas do huka-huka e a do wrestling (estilo livre e greco-romano). Nesse momento, foram problematizadas as similaridades, aproximações e as

lacunas de pesquisas que não conseguiram comprovar o mesmo tronco originário das duas lutas, porém, muito parecidas tecnicamente no tocante às pegadas, agachamentos, passadas pelas costas, esgrimas, levantamentos e encostamentos, dentro dos objetivos e regras destas manifestações da corporalidade celebrativa e competitiva.

No tocante à geração de novos valores em conflito com os anteriores, a maneira societária que as comunidades indígenas significam a vitória ou a derrota foi mostrada aos alunos em antagonismo ao que a sociedade ocidental e capitalista produziu. Ou seja, o sentido de ganhar ou perder na festa do Kuarup nas etnomotricidades presentes não alteram as relações e não produzem o reducionismo de menos-valia dos sujeitos participantes, mas há, sim, a continuidade do pertencimento a sua comunidade originária, pelos princípios relacionais da alteridade e do acolhimento preponderante nesse espaço (MONTEIRO, 2019).

Não obstante essa constatação, as disputas territoriais materializaram-se nos corpos dos alunos, os instrumentos de defesa e ataque para o desenvolvimento das técnicas corporais de luta, as suas interações e a apreensão das comunidades ribeirinhas e agroextrativistas com as interações indígenas geraram uma manifestação esportivizada marajoara, com uma composição federativa local, ritualizando o esporte moderno e os seus signos competitivos, de rendimento, racionalidade e cientificidade do treinamento (BRACHT, 2005). Neste dimensionamento comparativo, realizamos educativos e vivências da luta marajoara, considerada de influência “indo-cabocla-afrobrasileira” (CAMPOS; ANTUNES, 2021).

A luta coletiva *Kabaddi* e a experimentação pedagógica das lutas indígenas

Da 15ª a 17ª aula, foi apresentada, de maneira inédita às turmas dos 4º anos, a luta do *Kabaddi*, de origem indiana, e que se constituiu historicamente como uma luta coletiva, em sua expressão popular e esportivizada, e se realiza a partir de uma corrente humana, de mãos dadas, na forma de defesa, e que tenta capturar um oponente que a toca e tenta fugir. Ao tocá-la a corrente se desfaz e vai atrás do sujeito em fuga antes que ele atravesse a linha divisória do campo de jogo, usando golpeamentos semelhantes à luta marajoara e ao huka-huka. Semelhante também ao jogo de pega-pega, porém, com a composição na forma de luta. Neste intento, essa luta, em específico, trouxe as possibilidades de uma discussão mais ampla que envolve as defesas do território, proteção, cuidado e garantia dos direitos humanos aos povos originários e a recuperação da dívida histórica entre os afrodescendentes, agregado ao conjunto/arcação de técnicas, também semelhantes de pegadas, puxadas de pernas, passada pelas costas, rolamentos e defesas de chão.

Foram organizadas vivências de *Kabaddi* com as crianças, no tapete olímpico e a relação com as técnicas apreendidas anteriormente com as lutas da huka-huka, do derruba o toco e da marajoara ampliaram o vetor pedagógico e o tônus didático do ensino, mesmo porque a dramatização pedagógica crítica de defesa territorial e de espaço foram constantemente acentuadas.

Da 18ª a 20ª aula, tivemos a tematização das lutas de matriz africana e utilizamos os exemplos da capoeira angola e regional. Aparentemente, o tempo pedagógico organizado para esse intento não foi suficiente, mas, considerando-se que, na 2ª escala letiva, tivemos como temática a dança de matriz africana, que acolheu também a capoeira angola e o maculelê como linhas mestras do desenvolvimento de conteúdos, foi possível apreender a contento o que se objetivava com a abordagem. Para além disso, há, ainda, na curricularidade da Educação Física no CEPAE/UFG, mais dois momentos no Ensino Fundamental e Médio em que esses conteúdos virão à tona e poderão ser explorados com maior profundidade.

Seguindo o recorte proposto, expusemos a historicidade da capoeira e propusemos para o início das atividades a dinâmica dramática “Prisão”. Recuperando a época da escravidão e pós-escravidão e com vistas a permitir que os alunos vivenciassem um pouco do drama humano

experimentado naquela época, em sala de aula ambientada, após explicadas as regras, os papéis e os objetivos, foi simulada uma fuga de escravos de uma prisão, em torno das carteiras e cadeiras da sala de aula (simularam a composição do mato capoeira). Os alunos, em silêncio (estratégia) e fazendo a movimentação da capoeiragem, teriam que fugir dos capatazes que os vigiavam e teriam que chegar do outro lado da sala (*o quilombo*¹) movimentando-se na forma de caranguejo de maneira disciplinada para não serem vistos. Vale notar que, dentro de uma organização elaborada, as influências comparadas por D'Arrochella *et al.* (2022, p. 5) se objetivam na tendência de

[...] pensar este caráter militar dos *kilombos* africanos, criados como forma de resistência a qualquer ameaça externa no continente africano, encontra uma continuidade na diáspora representando um espaço/tempo de combate a qualquer forma de opressão [...].

A partir disto, o quilombo foi entendido como uma forma organizativa e política e de resistir à opressão e isso foi discutido com os alunos durante a atividade. Após esse primeiro momento do jogo, foram identificadas as movimentações iniciais espontâneas da capoeira em seus fundamentos de defesa (esquivas, negativas, cocorinhas, rolês) e as possíveis estratégias de escaparem da cadeia. A partir disso, adentramos no elo da formação social da capoeira no Brasil e as suas corporalidades em trânsito para a sistematização deste fenômeno, dos ícones e dos signos das manifestações das capoeiras angola e regional, além da identificação dos papéis de fugitivos ou de capatazes e/ou capitães do mato. Neste último aspecto, as duas questões dramáticas direcionadas foram: “Com qual papel você se identificou mais?” e “O que vocês sentiram ao fazer esse papel?”. A partir disto, sentimentos de medo, subjugação, opressão e encorajamento foram as descrições guias de predominância.

Em outro momento, os papéis de opressores e oprimidos foram trocados. Esse método possui proximidade com o que Neves *et al.* (2023, p. 12) apontam em seu relato de experiência, no artigo “Então vamos aprender a brigar, tio?”, em que tematiza as lutas em uma escola pública de tempo integral no município de Porto Franco (MA). Os autores afirmam que, quando colocam como questões problematizadoras reflexões do tipo “por que lutar”, “com quem lutar?”, “devo lutar?”, percebe-se que, com tais perguntas, “as crianças passam a se envolver mais nas aulas, assumindo um maior protagonismo, expressando dúvidas, opiniões e sentimentos”. É significativo para nós a problematização trazida no bojo do texto, pelas proximidades metodológicas no trato com o conhecimento escolar, pelo viés da sistematização das lutas na escola.

As sínteses a que chegamos, articuladas com as vivências corporais das técnicas, com a apropriação histórica e socioambiental de um tempo, é a de que a exposição dos sentimentos pode trazer uma ampliação do real sentido da luta, seja no processo de ensino-aprendizagem, seja na criação de outras possibilidades relacionadas ao aspecto técnico dessa vivência corporal. É o que Rufino e Darido (2012, p. 294-295) também afirmam:

Como proposição, é possível que os professores criem, por exemplo, ‘sessões de laboratório’ para auxiliar os processos de ensino e aprendizagem das lutas corporais. Estas sessões consistiriam em oportunidades para os alunos desenvolverem suas próprias sequências de movimentos [...]. Isso permitirá aos alunos que criem suas próprias técnicas. Depois, cada dupla poderia demonstrar o que criou e aí todos discutiriam as posições, corrigindo os detalhes.

Posteriormente, expusemos vídeos da história e das diferentes capoeiras- angola e regional, e lançamos desafios para realizarem as movimentações de ataque e defesa e de experimentação

1 Conforme Munanga (1996) o termo quilombo é de grafia da língua portuguesa. Em linguagem banto, grafa-se *kilombo*, sendo esta a terminologia usada pelo autor da citação na sequência.

das movimentações básicas, a partir da ginha e da musicalidade; foram introduzidas sequências de golpes, expostas pelos professores de preparação das movimentações básicas de seus elementos constituintes (meia-lua, martelo, benção, negativa, esquiva, rolê e as suas derivações).

Após esses processos de exposição problematizada e instrumentalização, passamos às etapas de sistematização desses conhecimentos em aula expositiva. Conforme Rufino (2012) e Darido *et al.* (2017) indicam em seus fundamentos, são vários os estilos de lutas: *Traumatizantes*: chutes, socos, joelhadas e etc; *Fintas*: enganar ou ludibriar o adversário; *Bloqueios*: defesas com mãos, braços e pernas; *Esquivas*: mudanças de direção; *Desequilibrantes*: visando à perda de apoio dos segmentos corporais; *Projeções*: visando à queda do adversário no chão; *Imobilizantes*: aplicação de chaves nas articulações nos planos baixo-médio e baixo.

Podemos observar em Rufino (2012), a classificação da luta na seguinte disposição no tocante ao domínio das ações de ataque e defesa como se sintetiza a seguir:

- a. Ataque: agarrar, reter, desequilibrar e imobilizar; diversificações possíveis nas ações de ataque: apanhar/pegar (braço, perna, cintura, roupas e etc.), puxar, empurrar, girar, virar e combinações destes.
- b. Defesa: esquivar, resistir e livrar das ações de ataque; diversificações possíveis nas ações de defesa: rolar, saltar, abaixar, opor, empurrar, girar, virar contra as ações atacantes.

No término da aula, passamos mais uma tarefa de casa, na forma de questionário para pesquisarem e preencherem sobre os principais conceitos das lutas apreendidos durante o transcorrer da escala.

Após essa exposição, foi organizada, na 21ª aula, um fechamento especial da escala letiva, sintética e de maneira apoteótica, o conteúdo, com um torneio de *Kabaddi*, momento este, que as aprendizagens envolvendo o huka-huka, o derruba o toco, a luta marajoara, com alguns elementos da capoeira eclodiram (momento catártico) nas manifestações dos alunos.

Foi atestada e desenvolvida também a compreensão de que a huka-huka, o derruba toco, a luta marajoara e o *Kabaddi* são importantes para os seus territórios, sendo fonte de renda, arte, parte da cultura e uma grande atração turística aos visitantes para a região local relação direta com as atividades de lazer e cultura local.

Considerações finais

A tematização do conteúdo *luta* na escola envolve, por uma perspectiva crítica, a consideração dos dados imediatos dos alunos, conforme Saviani (2019) e as postulações acerca do rendimento escolar possível e necessário estão vinculadas ao envoltório de determinantes de uma comunidade escolar específica. Na instituição CEPAE/UFG, houve as condições necessárias, como um tapete olímpico e a estrutura organizacional/estrutural e tecnológica para este intento em uma escola que é centro de ensino e pesquisa, portanto, aberta a experimentações várias.

As postulações que envolveram o ensino das lutas na escola, em seu recorte de matriz indígena e africana, nos anos iniciais do ensino fundamental, expressaram as possibilidades étnico-motoras próprias da realidade brasileira, articuladas a um arcabouço de conhecimentos de abordagem crítica, que transversalizou e contextualizou a formação sócio histórica dos conflitos indígenas e a constituição cultural de suas lutas, assim como os componentes de origem africana e de amplo desenvolvimento no território brasileiro, a capoeira. Tudo isso reitera a assunção de compromissos na pauta da escola pública brasileira que envolve a abordagem do desenvolvimento das lutas dos

povos originários e dos povos pretos, que enfrentaram a diáspora por imposição escravizadora do poder colonizador e subjugador.

As lutas nas aulas de Educação Física, ao retratarem de maneira simulada os acontecimentos históricos emblemáticos, trouxeram à tona não somente os registros iconográficos, mas todo o envoltório de sentimentos e emoções ocorridos pelas vítimas/sujeitos que fizeram parte da construção socio-afetiva e histórica de suas corporalidades. A DPC, como elemento metodológico, com possibilidades catárticas de apreensão ampliada dos experimentos didático-pedagógicos contribuiu nesta fase de ensino na apreensão, compreensão, explicação e interpretação deste tema da cultura corporal.

E, por fim, no tocante ao papel fundamental da escola de transmissão significada do conhecimento escolar (SAVIANI, 2019) e do papel da educação física (CASTELLANI, 1993) de tematizar os elementos da cultura corporal, urge a defesa do projeto societário alternativo, que inclua a cultura dos povos originários e a consideração da dívida histórica relacionada ao povo negro. Nesta direção, caminhamos para as possibilidades reais na práxis socioeducativa e no “chão da escola” de mediarmos a verdadeira alegria desse espaço educativo.

Referências

- ALMEIDA, A. J. M. de; ALMEIDA, D. M. F. de; GRANDO, B. S. As práticas corporais e a educação do corpo indígena: a contribuição do esporte nos jogos dos povos indígenas. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Brasília, DF, v. 32, n. 2-4, p. 59-74, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-32892010000200005>. Acesso em: 14 dez. 2022.
- BRACHT, Valter. *Sociologia crítica do esporte: uma introdução*. 3. ed. Ijuí: Ed. Unijuí, 2005.
- BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular (BNCC): Educação é a Base*. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 29 mar. 2023.
- CAMPOS, I. S. L.; ANTUNES, M. M. Luta marajoara: diálogos com o esporte, saúde e educação. *Cenas Educacionais*, Caetité, v. 4, n. e11870, p. 1-17, 2021. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/cenaseducacionais/article/view/11870/8827>. Acesso em: 14 de dez. 2022.
- CASTELLANI FILHO, Lino *et al.* *Metodologia do ensino da educação física*. São Paulo: Cortez, 1992.
- DARIDO, Suraya Cristina *et al.* *Práticas corporais: educação física 3º a 5º anos*. São Paulo: Moderna, 2017.
- D'ARROCHELLA, Márcio *et al.* Quilombismo, amefricanidade e educação: comunidades quilombolas no cinema negro brasileiro em paralelos com o caso da América Latina. *Cadernos do Aplicação*, Porto Alegre, v. 35, p. 6, jan./dez. 2022. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/CadernosdoAplicacao/article/view/123616/87169>. Acesso em: 30 abr. 2023.
- MONTEIRO, Fernanda Yully. A Capoeira e o huka-huka nas aulas de educação física: diálogos sobre uma escola plural através das lutas de matriz africana e indígena. *Revista Conexões de Saberes*, Belém, v. 3, n. 1, p. 101-114, 2019.
- MUNANGA, Kabengele. Origem e histórico do Quilombo na África. *Revista USP*, São Paulo, n. 28, 1996.
- NEVES, Kevin John dos Santos *et al.* “Então vamos aprender a brigar, tio?” Tematizando as lutas em uma escola pública de tempo integral no município de Porto Franco (MA). *Cadernos do Aplicação*, Porto Alegre, v. 36, p. 12, jan./dez. 2023. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/CadernosdoAplicacao/article/view/130365/88519>. Acesso em: 29 abr. 2023.

PIMENTEL, Fernanda C. *et al.* A reconstrução da proposta curricular da educação física para o ensino fundamental e médio no CEPAE/ UFG. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 21.; CONGRESSO INTERNACIONAL DE CIÊNCIAS DO ESPORTE DO CBCE, 8., 2019, Natal. *Anais [...]*. Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), 2019. Disponível em: congressos.cbce.org.br/index.php/conbrace2019/8conice/paper/viewFile/13505/7320. Acesso em: 2 maio 2023.

RUFINO, Luiz G. B.; DARIDO, Suraya C. Pedagogia do esporte e das lutas: em busca de aproximações. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, Rio Claro, v. 26, n. 2, p. 283-300, 2012.

RUFINO, Luiz G. B. *A pedagogia das lutas: caminhos e possibilidades*. Jundiaí: Paco Editorial, 2012.

SAVIANI, Demerval. *Pedagogia histórico-crítica, quadragésimo ano: novas aproximações*. Campinas: Autores Associados, 2019.

YANOMAMI, Davi K. Descobrimos os Brancos. In: NOVAES, Adauto. *A outra margem do ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. p. 15-21.

Data de submissão: 30/03/2023

Data de aceite: 05/05/2023